

Em Agradecimento

(Discurso do então Senador Virgílio Távora, em agradecimento à homenagem prestada a seu pai).

Está a Academia Cearense de Letras, com a homenagem desta noite, a encerrar o ciclo das comemorações do centenário de nascimento de MANUEL DO NASCIMENTO FERNANDES TÁVORA.

A distância no tempo preservou o Acadêmico ora homenageado da “cultura de massa” que transforma o mundo dos nossos dias em “aldeia global” a que alude McLuhan. Presenciamos, por sem dúvida, a uma verdadeira indústria cultural massificadora que, servida por modernos *mass media* e fantásticas criações da eletrotécnica, gera a “coisificação” da humanidade, através de bombardeamento compulsivo, levando-a até aos mais variados e inumanos condicionamentos culturais.

Em contraste com esse mundo de automação em que o amanhã se conflita, em termos agressivos, com o presente, despreparado e inerte, produzindo o grande “Choque do futuro” neste século, tão bem descrito por Alvin Toffler — afloresce a figura profundamente humana do jaguaribano Fernandes Távora.

Personalidade forte, notadamente telúrica, marcante, em função dos valores pessoais que lhe eram intrínsecos. Homem

integral, sem as mutilações que fragmentam e estereotipam personalidades.

O gosto pelo clássico, a linguagem castiça, a visão tomista do homem, assentada em raízes profundamente cristãs, deram-lhe o sentido de harmonia e de beleza, elevação de sentimentos, o culto do dever e da justiça. Tudo isso ele hauriu no convívio com os dois tios sacerdotes: Mons. Fernandes Távora e o Bispo D. Carloto Távora que, criança ainda, o iniciaram nos segredos do Latim e do vernáculo e nos mistérios da Religião.

O cultivo das letras o acompanhou durante toda a existência. Já estudante, escrevia na imprensa capixaba, em Cachoeiro do Itapemirim. A seguir, como político, foi fundador e editorialista do jornal *A Tribuna*, órgão oficial do Partido Republicano Cearense, que lhe serviu de veículo à preparação psicológica do povo para o deflagar do Ciclo Revolucionário dos “Tenentes”, iniciado em 1922, de que participaram os irmãos Juarez, Fernando e Joaquim.

Justamente naquele ano, em meio às lutas e inquietações do Levante Revolucionário de 5 de julho, ao qual ele e a família se achavam ligados, abriu-se-lhe na vida — conforme seu depoimento pessoal — “um hiato de paz e de beleza” com o ingresso, a 8 de setembro, na Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira cujo Patrono é Domingos Olímpio, o criador de *Luzia-Homem*.

Médico, escritor, político, jornalista, sobretudo grande patriota, rica e variada é a bibliografia do homenageado, versando assuntos que vão da composição literária à incipiente Parapsicologia, à Medicina, à Política, aos grandes problemas sócio-econômicos do País e, em especial, do Nordeste. Temas como o Municipalismo, a crise do petróleo, a defesa de nossas jazidas de ferro, a recuperação econômica da Região, a ocupação da Amazônia, — foram por ele percutidos em antecipações oportunas e lúcidas.

A 10 de agosto de 1972, em sessão solene e igualmente comovedora como a de hoje, celebrava a Academia o cinquentenário do ingresso de Fernandes Távora na Instituição.

Por uma feliz conjuntura, está sendo agora comemorado o seu centenário, justamente na ocasião em que a Academia, graças ao dinamismo de seu atual Presidente, o intelectual Cláudio Martins, realiza a primeira sessão em novas instalações, no vetusto prédio da antiga Assembléia Legislativa do Estado. Volta, assim, a primeira Academia criada no Brasil ao “ninho antigo” onde, de início, se abrigou, nos idos de 1894.

Dentre seus membros fundadores, permito-me evocar a figura de Virgílio Augusto de Moraes, meu avô materno, homem de letras ligado à fundação de importantes entidades culturais do Ceará, como o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras e a Faculdade de Direito. Dele herdamos nós, seus descendentes, a admiração e o apreço pelas cousas do espírito e particular estima por essa Academia e o Instituto do Ceará, a cujo quadro de Sócios Efetivos muito me honro de pertencer.

Sob o comando seguro do Acadêmico Cláudio Martins, continua a Academia a desempenhar sua missão de acompanhar e incentivar o desenvolvimento intelectual de nossa terra, não só no setor das belas letras, mas igualmente nos campos artísticos, científicos, filosóficos, social e educacional.

Renovado e atuante — eis como poderíamos definir o espírito que informa este sodalício, o qual, refletindo o repúdio do cearense ao misoneísmo, isto é, o medo do povo, o apego cego às fórmulas tradicionais, aos velhos hábitos e filosofias antigas — prefere a inovação, o movimento, o surgimento de novos caminhos, a aventura dos roteiros desconhecidos.

Pela beleza desta festa, Senhor Presidente, o reconhecimento da Família Távora.

Não poderíamos encerrar estas palavras sem um agradecimento especial ao orador da solenidade, o Acadêmico Otacílio Colares, pelas referências aqui generosamente feitas a meu pai.

Escreve Malraux em seu *L' Intemporel*, magnífica obra dedicada ao estudo da Arte: “O artista não é um copiador do

mundo, é seu rival” — aludindo ao poder da imaginação criadora da humanidade. Todo artista é um inventor por excelência, criador de um mundo de sonhos e beleza e, como poeta e dos maiores, neste conceito se insere Otacílio.

Pela década de 40, surgiu no Ceará um movimento literário inovador, de inconformismo, que, sob a denominação de “Grupo Clã”, vinha, na opinião de Sânzio de Azevedo, consolidar a implantação do Modernismo em nossa terra.

Desta plêiade de jovens idealistas fazia parte, como fundador, Otacílio Colares, ao lado de Aluísio Medeiros, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Manoel Eduardo Campos, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Stênio Lopes, Lúcia Fernandes Martins, Milton Dias, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo e Joaquim Alves — aos quais, posteriormente, se vieram juntar Cláudio Martins, Durval Aires e Pedro Paulo Montenegro.

Foi, pois, dentro deste contexto de excepcional criatividade que Otacílio desenvolveu seu invulgar talento de poeta e prosador exímio. Seu aprendizado, já o fizera no radiojornalismo, ainda nos bancos acadêmicos, como Redator da Ceará Rádio Club e colaborador de vários jornais e revistas. Compôs a equipe dirigente dos Diários e Rádios Associados, recrutada entre os jovens, diretamente, pela clarividência do inolvidável Assis Chateaubriand.

Mais adiante, Otacílio se firmava e se afirmava no magistério.

Nosso Acadêmico pode ser considerado “um mestre moderno do soneto”. Desde 30, o compõe e é nesta forma de versar que mais alto voa sua poesia, de leve construção camoniana, em que pese a corrente moderna a que se filia.

Fácil e agradável, ela flui espontânea, como enfatiza Otacílio no “Jogral Impenitente”:

“Eu faço versos como quem procura
certo de achar, sem dor nem sofrimento,
na Musa amiga, indevassada e pura,
o desejado e justo valimento.”

Poeta, prosador e crítico literário, publicou em 1946, de parceria com Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros e Artur Eduardo Benevides, *Os Hóspedes*. Seguiram-se-lhe *Poesias*, *O Jogral Impenitente*, *Os Saltadores de Abismos*, *Trinta Poemas para Ajudar* (juntamente com Cláudio Martins e Antônio Girão Barroso), *Três Tempos de Poesia*, e, em prosa, *Dois Estudos Portugueses* e a excelente série de ensaios em 3 volumes *Lembrados e Esquecidos*.

Não poderia, destarte, ter sido mais feliz a escolha de um poeta como Otacílio para saudar o humanista a quem ora a Academia reverencia.

Nem me posso furtar à tentação de recitar o formoso quinteto com que Fernandes Távora costumava exprimir o seu proverbial civismo:

“Vi terras de minha Pátria,
Por outras Pátrias andei.
Mas o que ficou gravado
No meu olhar fatigado
— Foi a Pátria que inventei”.

E complementaríamos com Bilac: “Morreu o sonhador mais não morreu o sonho!”